

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA APARECIDA SOUZA CRUZ

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

JOÃO PESSOA

2015

MARIA APARECIDA SOUZA CRUZ

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Monografia/Trabalho de Conclusão de Curso apresentada/o ao Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito parcial para a obtenção do grau de graduado.

Orientador: Prof^a. DR^a. Fabíola Barrocas Tavares.

JOÃO PESSOA

2015

C957s Cruz, Maria Aparecida Souza.

Sexualidade e educação infantil / Maria Aparecida Souza Cruz. –
João Pessoa: UFPB, 2015.
49f.

Orientador: Fabiola Barrocas Tavares
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Educação escolar.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 612.6.057 (043.2)

MARIA APARECIDA SOUZA CRUZ

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Monografia/Trabalho de Conclusão de Curso apresentada/o ao Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como requisito parcial para a obtenção do grau de graduado como pedagogo.

Orientador: Prof^a. DR^a. Fabíola Barrocas Tavares.

Aprovado/a em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. DR^a. Fabíola Barrocas Tavares

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Prof. DR. Luiz Pereira de Lima Júnior

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Prof. DR. Pedro Jusselino Filho

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me fortalecer em todos os momentos de fraqueza, estando presente em todas as minhas vitórias.

Aos meus pais, Gorette e Francisco, que me apoiaram no decorrer da vida, e aos meus irmãos Maricélia, Elenildo, Rafaela, Jessica, Gerson e Francisco Filho, não posso esquecer a minha pequena Pink, que ficou ao meu lado sempre na hora do trabalho cansativo.

Ao meu marido Fillipe, que esteve do meu lado, me ajudando em todas as dificuldades que surgiram no decorrer dessa caminhada, me acolhendo e dando seu carinho que muitas vezes foi meu alívio em dias nublados.

Às minhas amigas Dagmar, Cinthia e Sabrina que compartilharam todos os momentos bons e ruins do nosso dia-a-dia, quando rimos e choramos, mas que aprendemos umas com as outras a nos levantarmos em cada obstáculo, e que fizeram desses dias os melhores, por serem vivenciados em companhias de amigas incríveis.

A minha professora, Fabíola Barroca amiga orientadora, mais que incrível, que com sua paciência e delicadeza, me ajudou a concluir uma etapa grande na minha vida, pois esteve presente em todos os momentos, e com o olhar entendeu minhas dificuldades e me ensinou muito, aprendizagens que vão além do conhecimento teórico, e me fez perceber um pouco mais sobre o que a vida ensina.

Aos professores Luis Júnior e Pedro Jusselino, que contribuíram com seus conhecimentos, compartilhando bons momentos e aprendizagens.

Agradeço também a UFPB.

O conhecimento é a porta de passagem para uma vida de aventuras, onde a aprendizagem tem sobrenome, persistência, em que o sábio ultrapassa seus limites, transformando sua visão para mover o mundo.

(Cyda Souza)

RESUMO

Este trabalho se constituiu de um estudo monográfico sobre um tema ainda tabu no ambiente escolar; a sexualidade. O interesse em abordá-lo ocorreu pela experiência de organizar um seminário sobre esse assunto no estágio, onde se percebeu a falta de informação, e o grande interesse dos alunos, bem como o tolhimento do corpo docente nessa questão. Desse modo na tentativa de diminuir as dificuldades que a escola apresenta no âmbito da educação sexual, buscou-se nesse trabalho tratar da sexualidade ocidental, seus conceitos e história, como também situar o contexto da educação sexual e seus referenciais na educação brasileira, presente nos parâmetros curriculares nacionais (PCN). Tivemos também como objetivo de analisar de que forma os conteúdos transversais são inseridos no ensino, partindo dos temas sugeridos pelos (PCN).

Palavras – chave: Sexualidade; Educação Sexual; Educação Escolar.

ABSTRACT

This work consisted of a monographic study on a topic still taboo in the school environment; sexuality. The interest in addressing it was the experience of organizing a seminar on the subject on stage, where he noticed the lack of information, and the great interest of the students, and the stunting of the faculty in this matter. Thereby trying to reduce the difficulties that the school presents in the context of sex education, it sought this work dealing with the Western sexuality, their concepts and history, but also situates the context of sex education and its reference in Brazilian education, present in national Curriculum parameters (PCN). We also had the objective of analyzing how the transversal contents are inserted in teaching, building on the themes suggested by (PCN).

Key words: Sexuality; Sexual education; School education.

LISTA DE ABREVIATURAS

ES – Educação Sexual

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

OS – Orientação Sexual

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais e Temas Transversais

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2. MAPEAMENTO DA SEXUALIDADE..... | 11 |
| 2.1 Um breve histórico sobre a sexualidade..... | 12 |
| 2.2 As relações homossexuais e sua percepção na antiguidade..... | 18 |
| 2.3 A influência da Igreja na sexualidade | 22 |
| 2.3.1 O cristianismo e suas concepções sobre a sexualidade..... | 22 |
| 2.3.2 O protestantismo e sua concepção sobre a sexualidade..... | 26 |
| 2.4 A sexualidade na atualidade..... | 28 |
| | |
| 3. AS TEORIAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PRAZER SEXUAL NO SER HUMANO | 33 |
| 3.1 Uma análise sobre as concepções no desenvolvimento do prazer em Freud..... | 33 |
| 3.2 As concepções sobre o prazer em Foucault..... | 36 |
| | |
| 4. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL..... | 41 |
| 4.1 Conceituando educação sexual na escola a parti dos PCNs..... | 43 |
| | |
| 5. CONCLUSÃO..... | 46 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |

1. INTRODUÇÃO

Eu me chamo Maria Aparecida, sou estudante de pedagogia da UFPB, ingressei no ano de 2011 no curso de pedagogia e resolvi trabalhar como tema do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), a educação sexual no ensino fundamental I. Durante meu processo de escolarização, um dos fatos que mais presenciei foi o preconceito nas escolas contra as pessoas que apresentassem traços homossexuais. Isso era algo que me incomodava, pois pelo simples fato de ser diferente, o outro, não era aceito e aquele ambiente o discriminava de modo marcante, excluindo e causando sofrimento a esses alunos. Resolvi, então, como escolha do meu TCC, discutir a sexualidade que é um tema forte atualmente por ser uma questão que trata do direito à diferença.

O trabalho de pesquisa teve por base abordar estudos bibliográficos dos conteúdos transversais, com o intuito de através do PCN, buscando explicar como ocorre a inserção desses conteúdos transversais na escola, e de que forma eles podem contribuir para formação do aluno.

A importância dessa questão se revela pela forma como a escola pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos, discutindo a sexualidade e explorando todos os acontecimentos dentro da realidade do sujeito, tratando de assuntos como o homossexualismo, o índice de gravidez, o bullying, o preconceito, entre outros fatores presentes na nossa sociedade, relacionados à questão da sexualidade.

O trabalho este estruturado em 3 capítulos e a conclusão. No primeiro elaborei um quadro acerca das concepções sobre a sexualidade em sua forma considerada licita, desde a antiguidade. No segundo capítulo abordei as percepções dos povos antigos, gregos e romanos, sobre a sexualidade. No terceiro capítulo abordei as concepções sobre educação sexual. Partido do PCN, e como estão introduzidos nas escolas, e as questões sexuais que compõem o quarto capítulo. Na conclusão elaborei um resumo dos assuntos tratados em cada capítulo, destacando a importância da escola como um bom instrumento de formação sobre as questões sobre a sexualidade, desde que apoiado pela família.

2. MAPEAMENTO DA SEXUALIDADE

A sexualidade é um tema que a sociedade geralmente desconsidera, porém é um assunto discutido desde os tempos remotos, sendo conceituado de inúmeras maneiras. A sexualidade sempre esteve em discussão ela se apresenta como padrões que nunca deixaram de existir, mesmo com as mudanças que ocorrem na sociedade. A sexualidade ainda é um tabu que faz retornar sempre aos questionamentos sobre seu desenvolver na sociedade, gerando conflitos.

As características dos papéis sexuais são construídas através de certa fluidez e de acordo com os diferentes grupos sociais, ou pelo seu contexto cultural, passando a apontar nas formações dos papéis sexuais diferentes do que se é definido, pelos padrões sociais demonstrando as diferenças individuais.

O sexo não determina por si só, a identidade de gênero ou a orientação sexual de uma pessoa, a orientação sexual, diz respeito à atração ou afeto que sentimos por outros indivíduos geralmente envolvendo questões sentimentais, e não somente sexuais. Debater a questão da identidade de gênero é importante para se pensar nas desigualdades entre homens e mulheres, mas também, abordar múltiplas identidades de gênero, através de vários conceitos.

As identidades são características fundamentais da experiência humana, onde os seres humanos são constituídos como sujeitos no mundo social. O gênero refere-se à identidade que cada pessoa se identifica ou auto se determina, independe do sexo a que está relacionado ao papel que o indivíduo tem na sociedade e como ele se reconhece. Assim, a identidade seria um fenômeno social, e não biológico.

Na representação social há uma necessidade de entender e compreender o processo de modernização e como pode influenciar nas relações sociais, transformando e contribuindo para a construção de identidades pessoais e das unidades simbólicas. (Moscovici 1994, p. 16 *apud* TEIXEIRA, 1999).

No âmbito da cultura e da história, onde se definem identidades sociais e não apenas identidades sexuais ou de gênero, o corpo é abordado com um padrão, o que é um equívoco, do qual esperamos que dite a identidade. Os corpos são significados pela cultura e

continuamente alterados por ela. O reconhecimento do outro que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos.

De modo especial, as profundas transformações que nas ultimas décadas, vem afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e homens e alterando as concepções, as práticas e identidades sexuais teriam de ser levadas em consideração.(Louro,2010,p.9)

Assim, atualmente as pessoas se expressam de diferentes formas, o respeito à singularidade e a tolerância de cada individuo é um fator importante. É preciso entender a diversidade dos gêneros para entende o outro, independente de sua orientação sexual. Todos merecem respeito e direitos políticos, sociais e econômicos. Os sentimentos e desejos sexuais fazem parte de uma identidade pessoal, mas que busca a aceitação social.

No capítulo a seguir iremos abordar um pouco sobre a História da sexualidade envolvendo temas relativos ao Homossexualismo, ao casamento, a influência da Igreja, e as concepções atuais que envolvem o tema.

2.1 . UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A SEXUALIDADE

Os conceitos sobre sexualidade em nossos dias relacionam-se de modo mais presente a fatores religiosos, sanitários, clínicos, biológicos, judiciais, psicológicos, e até políticos. Esses se entrelaçam, conformando algo que nos seres humanos apontaram questões relativas ao prazer, a identidade e a afetividade. Tal como foi destacado, muitos são os aspectos que se relacionam a esse tema, levando a muitas áreas de conhecimento a se debruçarem em estudo. Todos esses estudos conduzem seu foco para as formas de prazer, especialmente o sexo, referindo-se aos modos pessoais e íntimos, de obtê-lo.

Um dos mais importantes teóricos do tema sobre sexualidade foi Michel Foucault (1998). Ele aponta que a sexualidade "é um dispositivo de poder, em ação no Ocidente, cujas metas, entre outras, visa à instalação de táticas que reordenem as práticas sexuais, objetivando a sua normalização." (Foucault (1988) apud Lima Junior (2012, p.7).

Nesse sentido temos por sexualidade o enfrentamento entre individuo e sociedade, conduzido a partir do controle social do prazer sexual, que ao ser regulamentado referenda-se como um importante instrumento de poder, da sociedade sobre as individualidades.

Tratar da sexualidade requer, tal como sugere Foucault, que se disponha de instrumentos capazes de analisar os seus três eixos constitutivos:

"[...] a formação dos saberes que a ela se referem , os sistemas de poder que regulam sua prática e a forma pela qual os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade (Foucault, 1984,p.10).

Nesse sentido o saber, o poder e o sujeito precisam ser considerados para que ao se abordar a sexualidade, se possa revelar o que se põe nela oculto e distorcido. Desse modo, diante da abrangência do tema iremos inicialmente tratar dos padrões aceitos para a expressão da sexualidade.

Historicamente a sexualidade esta relacionada ao matrimonio como maneira lícita. Houve ampliação desse padrão como adiante veremos, mas a sociedade ocidental manteve esse para exercer um dos aspectos da sexualidade: o ato sexual regre até hoje esse aspecto da sexualidade importa aos indivíduos e aos grupos humanos desde a antiguidade, sendo as concepções normativas relativas ao ato sexual, uma prática social.

O casamento é a instituição que ampara a aceitação do ato sexual, como lícito. Historicamente o matrimonio sofreu, no ocidente, muitas transformações. Entre a antiguidade e até o século IX, da Idade Média, o casamento das classes abastadas era tido como uma aliança política e um contrato comercial, que era reconhecido publicamente e a comunidade local testemunhava sua ocorrência na festa das bodas. Os pais dos noivos eram responsáveis pela festa, o pai do noivo era quem celebrava as bodas e oficializava o contrato, já a família da noiva entrava com recursos para o sustento dos novos membros, o dote, sendo a propriedade de territórios o bem maior, a ser oferecido pelo pai da noiva.

A Igreja só conseguiu exercer sua participação e poder legítimo sobre a vida conjugal, quando promoveu a sacramentalização do matrimônio, algo que só ocorreu entre os séculos XII e XIII, (FOUCAULT, 1998). A concepção religiosa cristã passou também a interferir principalmente, sobre a atividade sexual do casal, sobre a sexualidade, pois o cristianismo, segundo Nietzsche (2000), associou o ato sexual ao mal, ao pecado, à queda e à morte, assim contendo os afetos. O pecado, a redenção, a clemência, o castigo e a remissão dos pecados simbolizam instrumentos de controle da prática cristã. Na perspectiva da Igreja, algumas práticas sexuais eram condenadas, assumindo caráter pecaminoso e desviante, levando-a a sanar o desequilíbrio e instituir padrões corretos.

Entre os séculos XII e XIII, conforme aponta Foucault (1999) a atividade sexual passou a ser considerado um ritual sagrado, que estava, portanto, sob o domínio da Igreja. A partir daí ela foi submetida a regras e leis, tais como; virgindade antes do casamento, a proibição da masturbação, abstinência sexual nos dias sagrados, nas celebrações religiosas, aos domingos, nos períodos de menstruação, gravidez, amamentação e nos quarenta dias após o parto, bem como também se impôs a fidelidade conjugal. Completa essa lista de regras a indissolubilidade do casamento.

Esses preceitos foram regras colocadas pela Igreja, para controlar a vida conjugal, por seus membros, os padres, que por sinal deviam viver em total abstinência do prazer sexual pela imposição da castidade. Conforme Foucault (1988) não há como negar que a ética cristã, de modo geral, é prescritiva e legalista, especialmente no âmbito do prazer sexual.

As uniões dos casais só eram legítimas, depois de todas as bênçãos da Igreja, que comanda a cerimônia do matrimônio através do sacramento instituído para esse fim. Nelas o ato sexual era rigidamente controlado, voltando exclusivamente para a geração de novos membros. O prazer sexual era algo insignificante no matrimônio, principalmente o feminino. Todas as outras formas de relação sexual, as que ocorriam fora do matrimônio e não fossem destinadas à procriação, passaram a ser vistas como algo pecaminoso e errado. Assim, após o século XIII, no ocidente, o casamento passou a ser compreendido tendo em vista, a moral católica, que possuía um controle efetivo sobre essa sociedade.

O prazer, até então abominado, podia acompanhar a atividade sexual destinada à geração de filhos. "Não é mais a busca do prazer que é condenada: é a busca 'apenas do prazer', em outras palavras, relações sexuais amputadas de sua virtude procriadora" (FLANDRIN, 1985, p. 137).

Uma outra concepção sobre o relacionamento conjugal é apresentada por Foucault (1997) ao se referir ao mundo grego antigo, a partir do texto de Antípatros ¹. Ele diz que nesse registro de Antípatros que o relacionamento conjugal não era algo onde afinidades e afeições deveriam existir, pois nessa relação não existiria amizade.

Nesse sentido, o que fica claro nesse texto é que esse é um típico casamento de interesses, sendo um dos perfis das relações conjugais pautada no patrimônio, pois ao se casarem as pessoas formam uma nova unidade de parentesco, porém as famílias de origem

¹. Antípatro (ca. 397 a.C - 319 a.C.) foi um general macedônio e um apoiador dos reis Filipe II e Alexandre III, o Grande, da Macedônia. Ele nasceu como um dos filhos de um nobre macedônio chamado Iolaus ou Iollas. Assumiu importante papel no tratado de Triparadisus, participando de divisão nova do reino de Alexandre.

visavam à questão política e econômica. Essa união, todavia podia ser desfeita, quando um não supria mais a necessidade do outro. Foucault (1997) quer destacar que na história do ocidente, no período da antiguidade grega os modos de companheirismo e vida conjugal não ocorriam, apenas entre pessoas de sexo distinto, pois a união entre homem e mulher podia ser desfeita caso não fosse harmoniosa.

Segundo Foucault (1997) Plutarco apresenta uma visão estereotipada do casamento ao tratar do papel feminino na antiguidade. Apesar de estar presente o monopólio tradicionalmente masculino, é sob o domínio feminino que se estabelece o vínculo entre o ato sexual e a função de ter descendentes. Para ele a mulher, era um elemento sem vez, nem voz, porém essencial para a existência da sociedade. Visto isso, Foucault (1997) destaca que o ser feminino, no período antigo, se constitui como um indivíduo conjugal, cuja natureza se realiza na prática da vida compartilhada. Desse modo concebe-se que a arte da conjugabilidade faz parte do ser feminino em si. Tal característica se manteve, até o momento em que a Igreja católica sacramentalizou o casamento, passando a impedir a separação do casal. Outro autor da antiguidade citado por Foucault é Plutarco. Nessa definição casar implicava na união conjugal para ter melhores condições de procriar.

Dentro do casamento se incluía a atividade sexual conduzida pelo homem, na qual ele tem o pleno direito de ter relações sexuais, porém, somente pelo objetivo de uma descendência legítima. No caso dos solteiros, esses poderiam obter prazer de outras maneiras, porém a moral rígida dessa sociedade reprimia isso, impondo a obtenção do prazer para depois de contrair o casamento. Nesse ato proibido, Foucault (1997), ao comentar um texto de Dion de Prusa, coloca como ponto de discussão a prostituição, pois esse a vê como uma maneira pela qual é organizada, como uma forma não amorosa de amor, mas uma espécie de união estranha a Afrodite.²

Nesse texto comentado por Foucault (1997), Dion refere-se ao consentimento das pessoas, em relação às casas de prostituição. Segundo ele as "vítimas são seres humanos que não controlam o desejo". (FOUCAULT, 1997,p.37).

² **Afrodite** é uma Deusa da Mitologia Grega e deusa do amor, da beleza e do sexo. Corresponde a deusa Vênus da [Mitologia Romana](#). Nas cidades de [Corinto](#), Esparta e Atenas, Afrodite era muito cultuada. Nas festas em homenagem a Afrodite, as sacerdotisas que a representavam eram prostitutas sagradas, ² sendo que o sexo com as mesmas era considerado um ritual de adoração. As festas eram consideradas "afrodisíacas", dando origem a esse termo.

Esse fala que tais instituições são um mal ao qual não se aceita, mas que não tenta suprimi-las, pois é o resultado de algo inveterado no homem. Desse ponto de vista, o que Dion de Prusa tenta conservar o casamento, já que para ele o homem não ir às casas de prostituição o faz como um ato de respeito para manter o matrimônio.

Outro autor citado por Foucault (1997), para discutir sobre sexualidade na antiguidade é Epicteto. Nele "o respeito à conjugalização não justifica o ato na relação sexual pela sua forma. As leis e os direitos que o casamento instaura como as obrigações que se deve ter com a esposa, é um dever pelo qual não se deve impor, mas se ter por consciência própria (EPITECTO *apud* FOUCAULT , 1997,p.38) ". Epictet explica porque cada um, sendo um fragmento de Deus, convém honrar esse princípio. Para Epicteto esse é um dever que carregamos e devemos cumprir, já que não podemos falhar com Deus, sendo seus filhos.

Segundo Foucault (1997) Epicteto coloca que a união conjugal tem como leis e obrigações manter o respeito entre o casal, mas ele cita que deveríamos seguir as normas porque é um dever nosso, focando questões religiosas.

A reflexão sobre o casamento é um ponto de partida para entendermos essas questões morais impostas pela sociedade. Isso não tem mudado muito. Seguindo esse foco outro ponto acerca da discussão do casamento é a fidelidade. Outro autor comentado por Foucault (1997) é Musonius, que é um romano do primeiro século. Ele condena toda relação sexual que não aconteça dentro da conjugalização e que não tenha como objetivo próprio e fundamental do casamento, a procriação.

Foucault (1997) destaca que Musonius, nesse pensamento sobre a fidelidade está próximo de Epicteto, pois trata o exemplo das escravas nas casas dos senhores, que eram usadas como objeto sexual. Ele chama isso de "o problema da serviçal", onde aponta ser necessário proibir esse ato pelo princípio da assimetria, pois não haveria a simetria na ordem do direito e na dos deveres. Essa simetria vem a ser a posição social distinta, sendo importante mantê-la para evitar problemas, pois não se poderia haver relação entre o senhor e a empregada escrava, sendo ela solteira ou não, já que se deveria manter o respeito ao lar.

No texto em que Foucault (1997) aborda os filósofos gregos e romanos, como Dion de Prusa, Epicteto, Plutarco, e Musonius Rufo, se expõe pontos de discussões sobre a sexualidade, no aspecto do ato sexual ainda presente em nossos dias, inclusive na forma de

como se deve desenrolar a relação sexual dentro do casamento, problemas que ainda hoje permanecem com uma visão controladora da sociedade.

Nesses autores percebemos que as idéias colocadas sobre o casamento, como um dever e obrigação constada na lei para ser cumprido pelas gerações posteriores tem a finalidade de constituir e fortalecer política e economicamente a sociedade. Esse controle imposto por regras para manter a estabilidade e a convívio conjugal, bem como proibir e inibir os desejos naturais, não destacaram o laço afetivo, mas apenas se apresenta um pensamento econômico e controlador, para construir uma nova sociedade com os mesmos princípios.

Foucault (1997) coloca a sexualidade como um ponto a ser discutido, já que muito tema relacionado a ela permanece com os mesmos conceitos advindos ainda da antiguidade Grego-Romana.

Ele apresenta os preceitos normativos de vida sexual da antiguidade. Dentro desses parâmetros de controle, duas instituições se destacaram o Estado e a Igreja, cada qual expondo seus princípios morais, definindo o lado do pecado e o lado do permitido. A seguir iremos abordar a sexualidade na Grécia e Roma, partindo de uma visão contrária às relações matrimoniais vistas como tradicionais, em meio a dilemas e preconceitos repassados por séculos.

2.2 A SEXUALIDADE E SUA PERCEPÇÃO NA ANTIGUIDADE

Para entender um pouco mais sobre a sexualidade iremos abordar o que na antiguidade em, Grecia-Roma, se apresenta sobre as relações sexuais entre homens e mulheres, bem como da homossexualidade que não era algo que aquela sociedade reprimia, porém também tinham suas regras e costumes. O objetivo é analisar as questões socioculturais que existiam sobre a sexualidade.

A sexualidade na antiguidade Grego-Romana apresentava-se centralizada na desigualdade dos parceiros, pois isso estava presente não só nos relacionamentos entre a mulher e o homem, mas também entre os indivíduos do sexo masculino no relacionamento homossexual. Em ambos os casos, a figura masculina ativa era quem determinava a relação, já que a sexualidade estava relacionada à penetração. (WINKER,1990).

Essa desigualdade era representada tanto na literatura, quanto por incrustações em pedra. Na parede de certos ambientes privados, apareciam imagens de guerra, fuga e captura, pois se acreditava que o medo tornava a mulher mais atraente. Há registros pictóricos de atividades guerreiras, em ambientes de prostituição em que se exalta a posição masculina, o que, segundo Foucault (1987), revela a necessidade de valorizar a bravura do homem e causar impacto e medo às mulheres, pois elas serviam apenas como objetivo de saciar o instinto do homem. A visão sobre a mulher revela-se distorcida, como uma ameaça, pois:

Mas, apesar das mulheres serem representadas de forma passiva e como vítimas aterrorizadas, acredita-se ao mesmo tempo que sejam sexualmente vorazes, criaturas insaciáveis cujo objetivo é secar a semente dos homens. (FOUCAULT ,1998,p.46).

Nesse período do mundo ocidental a homossexualidade masculina era vista como normal, porém mantida dentro de certos parâmetros sociais, já que se tinha certa reprovação em aceitar um relacionamento entre homens da mesma idade, pois havia o padrão, dos mais velhos com os mais novos. Assim, se pode entender que esse relacionamento era pautado por uma aprendizagem, onde os mais novos tinham que aprender com os adultos.

Na Atenas clássica, os relacionamentos homossexuais possuíam uma característica de rito de iniciação, que ocorria entre o rapaz imberbe e o mentor mais velho. Mesmo esses relacionamentos eram limitados por noções de etiquetas que cabe ao processo de cortejamento, como doações de presente ou outros sinais. (KING.1998,p 46).

Desse modo tenta-se evitar o relacionamento entre homens da mesma idade, em que poderia haver algum sentimento, ou afeto, algo que não cabia dentro desses parâmetros estabelecidos. Nos códigos de postura da sociedade grega antiga constam normas que definem os modos de conduzir as relações sodomistas, em que se limitaram as práticas sexuais a noções de etiquetas. Nesse sentido percebe-se que o direito clássico ateniense expressava "uma ansiedade profundamente enraizada a respeito da pederastia," segundo destaca Hellen King (1998), em seu livro *Preparando o Terreno: Sexologia Grega e Romana*.

Um fator relevante na cultura Grego-Romana antiga é a importância dada à penetração, seja entre heterossexuais ou homossexuais. Jack Winkler (1990) ao analisar "o livro dos sonhos", de Artemidoro, do sec. II d.C, aponta em discussão que a atividade sexual centrava-se em quem penetra quem. Deste modo ele destaca que havia uma crítica ao lesbianismo, por não haver penetração, onde ele comenta que se " tratava para essa sociedade de um estado fora do domínio da sexualidade". (WINKLER,1990. p.47) .

Ao comentar a percepção sobre feminino no universo da antiguidade Greco-Romana, esse autor destaca que, a primeira mulher na mitologia grega, "Pandora", é feita pelos Deuses para o homem. Zeus decide criar uma mulher repleta de dotes. E então a oferece a Epimeteu, irmão de Prometeu, pois Prometeu recusou a jovem Pandora, temendo que ela fizesse parte de algum plano de vingança da divindade. Ao aceitar Pandora, Epimeteu também ganhou uma caixa, onde estavam contidos vários males físicos e espirituais que poderiam acometer o mundo. Pandora, ao abrir a caixa libera tais males. Desse modo a mulher é vista como algo que trouxe problemas aos homens, e ao mundo. Nesse sentido em parte deste conto mitológico, Winkert (1990.p,47), pontua que o sexo feminino tem " Sua aparência atraente, oculta um ventre voraz e a mente de uma cadela. ".

As mulheres eram vistas também, como mercadorias, objetos que rendiam lucros ou ainda como comida, preparadas sempre para consumo masculino. Ainda hoje se usa termos metafóricos para associá-la ao prazer, onde cabe saciar o instinto dos homens. Essa descrição, nada amistosa, situa a mulher como um ser inferior e ameaçador para o homem e o mundo.

Na antiga Grécia existia um livro segundo Jack Winkert,(1999, p.48), chamado "Manual do Sexo", que era repudiado por essa sociedade, já que para algumas pessoas dessa cultura essa era uma maneira de incentivar hábitos não naturais. Nesse livro se abordam aspectos da sexologia, que recebeu atenção por parte dos manuais de casamento a partir dos anos 20, 30 do sec. XX. Um fato que é citado nos manuais são as poses para ter relação

sexual. Aponta-se que a serva de Helena de Tróia, como a primeira a descobrir as posições e a escrever sobre elas. Os manuais não eram os únicos livros onde se podiam obter informações sobre o comportamento sexual, também existia uma tradição que atribui às parteiras, orientação sobre práticas sexuais.

Outro ponto sobre a sexualidade da antiguidade grega consiste no fato de se incluir em objetos como vasos, espelhos, lâmpadas e pedras artes visuais onde a sexualidade era exposta.

Um detalhe é que as pinturas tinham significados diferentes, como por exemplo, a referente aos homossexuais havia na representação das pinturas maior sentimento, essas eram mais românticas. Nelas a penetração não era exposta.

No império romano existem indícios que as pinturas colocadas nos quartos das residências tinham sexo explícito, podendo esta ter uma relação direta com as orientações dos manuais de sexo. Essas traziam margem para incitar a sexualidade dos homens, proporcionando-lhes prazer. Por outro lado havia um controle para que os homens sempre fossem capazes de dominar seus corpos, estando sempre por cima das mulheres. Tais pinturas podem mostrar casais comuns ou personagens místicos. Ovídio, citado por Foucault (1982) ao dizer de si mesmo sobre sua vida sexual, percorre toda a escala mitológica, e destaca que:

Em arte de amar, ele sugere chistosamente que as mulheres infelizes do mito foram arruinadas unicamente por falta de técnica sexual- o homem que possuía uma tal intimidade com as personagens da mitologia era capaz de aconselhá-las no que julgava terem errado."(FOUCAULT, 1982.p. 50)

A sociedade ocidental vivencia, no relato dos mitos gregos, as concepções da origem da humanidade, citadas também nas concepções judaicas nas passagens bíblicas, em que se descreve o homem sendo para a mulher e a mulher para o homem. O mundo cristão durante a historia medieval queimou os homossexuais nas fogueiras por agirem de modo contrário aos relatos postos na Bíblia. Assim o cristianismo foi adotando o preconceito contra os homossexuais o que atualmente não mudou, pois se continua perseguindo gays e lésbicas por serem diferente do que se determinou como normal, por fugirem do padrão imposto aos relacionamentos sexuais.

A relação entre pessoas do mesmo sexo, quando comparadas há séculos passados, ainda sofre muito preconceito, pois ainda deve ocorrer muitas mudanças para que possamos estabelecer as concepções do período grego-romano, onde as relações homossexuais masculinas eram aceitas de modo natural.

O exercício do prazer sexual permitido, já entre os povos da antiguidade clássicos aqui situados aponta que a sexualidade está ligada ao padrão de casal, homem-mulher, já o homossexualismo, algo historicamente antigo, foi também acatado pela sociedade grego romana, mas o preconceito criado pela Igreja passou a influenciar no modo como ocorre a exclusão dos homossexuais.

Para continuar a entender como a Igreja está fortemente ligada a todos os assuntos sobre a sexualidade, iremos abordar no texto a seguir sua influencia e participação nas mudanças que a sociedade ocidental passou a adotar no padrão sexual.

2.3 A INFLUÊNCIA DA IGREJA CRISTÃ NA SEXUALIDADE

A sexualidade sofreu grandes transformações com o surgimento do cristianismo, pois os conceitos religiosos passaram a ditar padrões de comportamento, principalmente titulando regras que pudessem controlar todo ato prazeroso que o indivíduo pudesse ter. Assim se colocou como pecado o ato sexual, e a sexualidade, tornou-se assunto questionado pelo simples fato de recorrer a temas polêmicos. As religiões judaico-cristãs interferiram de forma a transformar preceitos em preconceitos morais. Assim a seguir iremos abordar um pouco das influências sobre a sexualidade que as religiões cristãs passaram a ter no ocidente, apesar de haver conquistado um grande número de seguidores.

2.3.1 O CRISTIANISMO E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE

A religião judaico-cristã tem sido um forte fator de influência na sexualidade ocidental, moldando normas e preceitos morais, para obter certo controle. A Igreja teve a preocupação em organizar códigos universais de conduta, que definissem os atos proibidos e os permitidos. Tais normas tinham o objetivo de universalizar, o seu poder, passando a ser imposta a todos os indivíduos.

Os discursos sobre a sexualidade foram se ampliando nas Igrejas e conventos desde o início do cristianismo. Um dos principais mentores a elaborar os conceitos sexuais, estipulando meios de controle e padrão foi Santo Agostinho. Segundo Ulta Ranke, ele via a semelhança do homem com Deus, em vários aspectos menos na questão sexual, pois ele diz. "o cerne da natureza humana, não é tocado pela sexualidade". (HEINEMANN, 1996, p.65)

Criou-se dentro da religião católica, o ódio ao prazer, sendo Santo Agostinho o pilar da moralidade sexual católica. Agostinho fundiu o cristianismo com o ódio contra o sexo e o prazer. Ele foi um dos maiores padres da Igreja, e constituiu idéias sobre a moral sexual cristã. Suas idéias eram separadas em relação ao amor e a sexualidade. A relação sexual, ou prazer, segundo ele é o transmissor do pecado original, que continua ao passar de geração a geração. Conforme um texto contido no documento da Igreja, chamado Enchiridion, é de Santo Agostinho a citação que diz: "Cristo foi gerado e concebido sem qualquer prazer carnal e por isso permaneceu livre de qualquer espécie de profanação pelo pecado original" (Enchiridion, 1996, p.13)

Agostinho, segundo Ulta Ramke Heinemann (1996), praticou rigorosamente a contracepção, depois de sua conversão. Sua consciência estava arrependida, pelo fato de ter tido uma amante e ter gerado um filho Adeodato, que faleceu aos 18 anos, três anos depois de ter sido batizado ao lado do pai. Agostinho desprezou o amor sexual em geral. Mas amava seu filho, e defendia a "santidade do casamento". Assim Agostinho foi moldando a religião católica, condenado o sexo e atribuindo questões que passaram a ser seguidas e continuamente estimuladas pelas Igrejas, condenado o prazer, que não acontecesse dentro das leis cristãs do matrimônio.

No século XV a Igreja começou a exercer a prática da confissão, que visava a extrair dos cristãos, informação íntima que lhe pudessem ser úteis. A hierarquia eclesiástica desenvolveu instrumentos que exigiram na confissão que se abordasse sobre o sexo, convertendo-o em prática discursiva pecaminosa. Essa prática de confissão acontecia constantemente, nas quais os indivíduos precisavam falar de suas experiências e desejos sexuais. O silêncio em torno da sexualidade foi quebrado no confessionário, tornando imperativo moral dizer tudo sobre o sexo. Nada podia mais ficar em segredo, tudo era descoberto sobre a própria vida sexual, pois.

Os manuais dos confessores instruíam os sacerdotes a inquirir o pecador de modo a obter a confissão e ensinavam de que forma estimular o fiel a relatar as minúcias de sua vida íntima [...] O confessor é obrigado a perguntar o que vê, crê, e adverte ser necessário para que a confissão seja inteira e frutuosa, com o que lhe parece permitente calar por ignorância, inadvertência ou esquecimento. (Almeida, 1993, p.63)

Foucault (1999) destaca que a Igreja mapeou uma idéia para poder controlar a vida conjugal dentro dos parâmetros, que acreditava ser o correto. Com a confissão era mais fácil poder manter a sociedade sob controle, tornando isso um tipo de alienação que se montava ao redor da sexualidade.

O cristianismo, de acordo com Foucault (2004), não inventou os preceitos morais que começou a impor a seus fies, mas compilou e os universalizou, transformando-os em forma de lei. Não houve novas prescrições sobre a sexualidade, mas criou formas de poder para impor controle e obediência aos indivíduos.

Essa influência continuou por muito tempo, mesmo tendo o Estado Moderno assumindo a condução da sociedade. Nesse sentido vemos já no século XIX, surgir entre os grupos dominantes na Europa, uma grande preocupação acerca dos problemas sexuais especificamente ao "vício" da masturbação, pois para essas pessoas isso destruiria a

sociedade. Médicos e sacerdotes começaram a golpear a sociedade burguesa, ao comunicar publicamente que o vício da masturbação era uma ameaça à humanidade, pois trazia doenças "físicas e mentais. " Aqueles que se dedicassem ao "ato solitário" como identificam a masturbação, iriam ser debilitados. Percebe-se aqui a aplicação de dispositivo de controle do prazer pelo indivíduo, tal como situou Foucault (1997), pois até o ato de obter prazer sozinho gerou ingerência e ameaças por tais instituições.

Nessa questão o Estado delegou à Igreja a tarefa de sanar esse mal, a Igreja cristã obtinha apoio no combate ao que ela descrevia como sexualidade promíscua, organizando programas que pudessem barrar o problema, onde se inseriam a masturbação e os excessos sexuais.

Até mesmo as palavras identificadas como indecentes só poderiam ser expressas em relação ao sexo após terem sido purificadas, ou seja, usavam sinônimos das palavras para parecerem leves. A sociedade burguesa no século XIX parecia ser regida com um regime sexual espartano que exigia reserva, silêncio e discrição. Segundo Foucault (1999), nos séculos XVIII, XIX e XX, os discursos sexuais proliferaram-se. Essa foi, para ele, uma época na qual se falava muito em intimidade sexual.

A Igreja tinha a intenção de parar tais problemas que acreditavam estar surgindo. Com isso os jesuítas flexibilizaram as normas cristãs com o propósito de aproximá-las da vida cotidiana das colônias européias. A regra imposta era que essas se adaptassem a cada situação específica. Tal regra foi um mecanismo desenvolvido pelos jesuítas para poder privilegiar as práticas singulares de povos de outros continentes, em detrimento dos preceitos universais, dos quais se tolerava a transgressão individual, reduzindo sua gravidade.

Nesse sentido Foucault (1999) comenta que o cristianismo se utilizou de uma linguagem simbólica do ideário moral- religioso, materializado nas relações de poder-saber.

Ele aponta que as táticas do cristianismo faziam com que se atingisse a vulnerabilidade das pessoas. Assim os ensinamentos cristãos presentes na Bíblia, ou seja, os ditames Bíblicos marcam a vida das pessoas, sem que elas percebam. No que diz respeito à força e abrangência do cristianismo, Foucault (1979) citado por Lima Júnior (2012, p.15) ressalta que, "Para saber quem és, conheças teu sexo". A vida no ocidente passou a se guiar por discursos que passam pela vida sexual das pessoas.

O percurso histórico da sexualidade no Brasil, após a chegada dos europeus é marcado por um número grande de fés que adotam a devoção a santos, sendo esse um ato comum. Santo Agostinho era um dos santos adorados. Ele viveu entre os séculos IV e V, sendo considerado o pregador do cristianismo. Ele concebia o sexo como sede do pecado humano. As doutrinas de santo Agostinho foram seguidas por outros padres da época, como São Jerônimo, que imbuído de um raciocínio renascentista, desprezou o casamento e condenou o coito anal. Segundo (SÃO JERÔNIMO *apud* LIMA JÚNIOR 2012) "essa prática contrariava o que era considerado o modo natural do ato sexual, que se volta para a procriação."

Outro santo importante em impor regras sobre a questão da sexualidade foi São Tomas de Aquino, que viveu no século XII. Baseando-se na postura de Santo Agostinho ele representou a posição oficial da Igreja, pois seu pensamento serviu de base teórica para o Vaticano, em épocas modernas. O esperma para ele só tinha valor para procriação, tendo que se ordenar a paixão e o coito. Essas concepções de natureza cristã mapeiam o cenário em que se vem desenvolvendo a sexualidade ocidental influenciando assuntos sobre o sexo, os gostos pessoais impondo que as pessoas sigam os ensinamentos dos padres, tal como situava Santo Agostinho comentado por Foucault (1996).

Nos ensinamentos dos padres encontra-se uma moral sexual voltada para o celibato e para repulsa ao sexo. Santo Agostinho enfatizou para os cristãos que tudo que fosse desonra para a consciência, traria pensamento culposo e pecaminoso (FOCAULT, 1996).

Dentro do percurso histórico do cristianismo, podemos entender que a figura feminina na Idade Média foi vista de forma severa, pois a interpretação feita sobre a mulher tirada do antigo testamento situa no papel de Eva, a origem do pecado. A mulher e o prazer são colocados em sentido figurado ao serem relacionados como instrumentos do diabo, pois ambos afastam o homem de Deus. As mulheres no século XII, que eram julgadas como bruxas ou prostitutas, pela inquisição, eram postas pela Igreja na fogueira. O cristianismo reprovava o uso do contraceptivo, já que esse ia contra o conceito do casamento para procriação, bem como o sexo oral e anal. Para a Igreja o sexo só pode acontecer após o casamento, com o objetivo de procriação, além disso, o homem deve assumir a posição ativa no ato sexual.

No século XVI, o protestantismo vai contra as arbitrariedades da Igreja e em suas reformas o prazer passa a ser admitido dentro do casamento. Sob essa influência a Igreja fez a sua contra-reforma, refazendo suas limitações ao sexo, conforme destaca Pereira (2010).

Uma vez que as mudanças acabam acontecendo o cristianismo, tentou moldar as mudanças para que não ocorresse algo fora de seu do controle, e assim novos preceitos e mudanças foram sendo ditadas pelo cristianismo.

2.3.2 O PROTESTANTISMO E SUA CONCEPÇÃO SOBRE A SEXUALIDADE

O protestantismo caracterizou-se como uma luta, por um novo conceito de se relacionar com Deus. A fé protestante não se baseou nos sacramentos, ou nas penitências, cujo modelo era o da igreja Cristã com autoridade papal. Sua tradição se manifestou apenas na intenção em adorar a Deus, gerando segundo o protestantismo, a Fé, conforme destaca Pereira (2010). Outro ponto que caracterizou os protestantes foi à crítica aos modos desregrados da Igreja. O maior movimento entre os religiosos surgidos no século XVI foram dos anabatistas. Eles eram os únicos a defender a separação entre Igreja e Estado e, em decorrência disso, defendiam uma Igreja formada unicamente de crentes que manifestassem pessoal e publicamente sua fé. Acreditavam que uma criança não continha pecado e que deveria crescer para poder ser responsável e entender o batismo, por isso eram contra o batismo infantil, tal como aponta Pereira (2010). Essa percepção se ampliou entre os diversos ramos do protestantismo.

O anabatismo representou uma tendência ascética no contexto protestante. Sua referência era baseada, muitas vezes na interpretação das escrituras, como no caso da defesa da poligamia, que, todavia não chegou a ser absorvida pela maioria dos que adotam a religião protestante.

Em 1810 o Tratado da Aliança e Amizade, de Comércio e Navegação firmado com a Inglaterra abriu o Brasil à entrada do Protestantismo. Os artigos 12 e 13 do Tratado de Comércio e Navegação declaravam que os "vassalos de Sua Majestade Britânica teriam perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem culto, dentro de suas casas, de suas igrejas, ou capelas sob as condições de que estas tivessem a aparência exterior de habitação comum. Era proibido pregar publicamente contra a religião católica ou fazer prosélitos. A Constituição de 1824 assegurou a presença de não-católicos na vida nacional, mas limitou sua liberdade de culto, assim como a participação na vida política.

O artigo 5º dessa Constituição diz "A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. As outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou

particular, em casas para isso destinadas". O apoio dado pela Maçonaria no início da implantação do protestantismo no Brasil deveu-se ao fato dessa ordem apresentar-se como "porta-voz da modernidade, do liberalismo e das idéias iluministas". Assim ela tomou posição contra a Igreja Católica no Brasil.

Pereira (2014) Destaca que a partir da década de 1850 chegaram os primeiros missionários com o objetivo de implantar igrejas entre o povo brasileiro: congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas. Com a mistura de culturas começou a haver desavenças entre os protestantes vindos como a imigração e os protestantes evangélicos, constituídos nas missões brasileiras, pois alguns protestantes imigrantes eram contra a cultura brasileira em geral, especialmente a cultura popular presente no folclore, músicas, danças, ritmos, festas populares, brincadeiras, entre outras manifestações nacionais.

Nas instituições protestantes, o controle sobre o corpo e sobre a conduta dos indivíduos na vida privada ocorre sobre as consciências. É uma forma de exercício de poder, que tende a legitimar a autoridade do pastor ou do conselheiro como intermediário entre Deus, e os fiéis. Os protestantes passaram a fazer uma interpretação da Bíblia, em que suas igrejas fazem os jovens se sentirem culpados pelos próprios desejos e transformam ações que a medicina considera saudáveis (como a masturbação e a prática de relações sexuais) em tabus, proibições, ou atos que acarretam a ira de Deus, tal como situa Pereira (2010).

O protestantismo representa não uma oportunidade de se pensar práticas sociais mais humanas e menos repressivas, mas uma força a mais de repressão à sexualidade, situando o prazer sexual como pecado. Atualmente os protestantes fazem a inserção na mídia, como um meio para ter maior visibilidade, onde propagam suas visões de mundo, seus conceitos e preconceitos, acompanhados de seu amplo mercado editorial.

A religião passou a interferir na vida da sociedade com intuito de manipular o que acredita está correto aos olhos de Deus. O protestantismo foi contra a Igreja católica por essa inserir regras e normas que julgou erradas perante Deus. Atualmente o protestantismo se faz crescer com ajuda da mídia, pois a religião atualmente se tornou um comércio, onde os pastores vendem entre muitas coisas, músicas usando a palavra de Deus para propagar sua visão de mundo, porém ainda disseminam o preconceito quando se trata da sexualidade, principalmente contra os homossexuais, Essa instituição fracionou um conjunto de práticas postas como certas ou erradas, impondo posturas moldadas em base de um poder de alienação

para manter a sociedade dentro dos padrões, considerados normais, continuando a manipular a sociedade.

A seguir iremos abordar as mudanças que estão ocorrendo na atualidade, que mesmo com um bombardeamento de influências políticas e religiosas, controladoras dos modos como as pessoas exercem sua sexualidade, surgem movimentos e atitudes que transgridem tais padrões.

2.4 A SEXUALIDADE NA ATUALIDADE

A sociedade ocidental modificou ao longo dos anos seus conceitos sobre sexualidade. Em pleno século XX, ainda existem maneiras arcaicas de perceber o ato sexual, tal como um dever situado por uma visão da moral cristã, mas atualmente falar em relação sexual, também se refere ao prazer, tanto para os homens quanto para as mulheres, algo que por muitos séculos se restringia apenas aos homens. Principalmente as protestantes, já que gira em torno da sexualidade, é o prazer, antes considerado pecado, podemos perceber hoje, uma aceitação maior do prazer, tanto masculino quanto feminino. O ato sexual atualmente, para muitas pessoas é um jogo entre os casais, que acontece em virtude de um satisfazer o outro. A masturbação que era proibida, também se tornou comum, pelo fato de oferecer um prazer instantâneo ao homem, e também para as mulheres.

O preconceito contra os homossexuais surgiu da moral cristã, que passou a definir que tais relações fogem do tradicional das práticas sexuais e são tidas como comportamentos não normais. Desse modo, as relações homoafetivas são conduzidas por pessoas anormais, que estão em pecado. Segundo Foucault citado por Lima Júnior (2007, p. 215) Não se trata de ir contra a natureza mais do mostro, ou seja, "(...) não uma noção médica, mas uma noção jurídica."

Há um acontecimento que se opõe a essa postura que marcou o fim do século XX e alastrou-se no XXI, ele se refere ao casamento homossexual. Por todo o mundo esse direito tem sido reivindicado. No congresso brasileiro foi aprovado um projeto, que merece destaque, em relação ao relacionamento de pessoas do mesmo sexo. O projeto foi criado para discutir os direitos que existem na união de pessoas do mesmo sexo. O projeto de lei de número 1.191/95 foi intitulado por críticos no congresso, como o do casamento Gay. Ele se deparou com

insinuações por parte até dos que eram a favor da aprovação. Desde 1997, a câmara dos deputados colocou o assunto em pauta, cuja autora foi à deputada Marta Suplicy.

Depois de estar em pauta por quase dez anos, foi aprovado no dia 14 de maio de 2015, durante a 169ª Sessão do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), o casamento civil entre homossexuais, bem como a conversão da união estável em casamento civil em todos os estados. Foi uma resolução apresentada pelo deputado Jean Wyllys (PSOL), e que após aprovada obriga todos os cartórios do país a celebrarem a união. Esse reconhecimento legal do direito à união homoafetiva determina respeito a essas pessoas, sem que haja discriminação e preconceito. A aprovação dessa lei é o resultado do movimento gay.

O movimento LGBT³ surgiu no final dos anos 1970, criando uma legião de seguidores, para demonstrar a indignação dessa população contra o preconceito social vivido por essas pessoas. O movimento dos homossexuais aliou-se ao movimento feminista e ao movimento negro. A "primeira onda" do movimento homossexual continha propostas de transformação da sociedade, no sentido de abolir vários tipos de hierarquias sociais. Ao falar de movimentos e libertação, Foucault(1998) apud Lima Júnior(2007), destaca;

[...] devem ser compreendidos como movimentos da afirmação a partir da sexualidade. Isto quer dizer duas coisas: são movimentos que partem da sexualidade no interior da qual nós estamos presos, que fazem com que eles se desloquem em relação a ele, se livram dele e o ultrapassam. (2007,p.217).

Atualmente a sociedade tenta com a lei do casamento Gay legalizar os relacionamentos homoafetivos para formas reconhecidas socialmente, criando uma serie de processos legais. Assim os movimentos feministas e homossexuais passaram a balançar os padrões instituídos. Existe uma necessidade entre esses movimentos e a sociedade de que se instaure o respeito pelo outro. Por traz da sexualidade há questões que a própria sociedade exclui e reinventa, sob a qual também ocorre a intervenção das Igrejas.

A mudança que ocorreu nas relações conjugais durante o século XXI, tem como forte influencia a mídia, que faz questão de abordar atualmente em seus programas a mudança das famílias, os conceitos perpassados pelas escolas, o padrão cultural da sociedade, entre outros aspectos. Tais mudanças puderam ser constatadas pelo IBGE, em sua pesquisa de 17 de agosto de 2015, que confirmou que a união conjugal está mudando, com casais heterossexuais

³ (LGBT), É uma sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Em alguns locais no Brasil, o T, que representa a presença de travestis e transexuais no movimento, também diz respeito à transgêneros, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero não se alinha de modo contínuo ao sexo que foi designado no nascimento (crossdressers, drag queens, transformistas, entre outros).

onde a mulher é mais velha do que o homem (24,0% em 2012) onde lésbicas gays constituem um número significativo de famílias. Nesse sentido o padrão familiar está diferenciado. A relação familiar revela-se como eixo central sobre o que atualmente está se apresentando como problema social referente à sexualidade, o que levou a câmara dos deputados a estabelecer referências conservadoras do padrão familiar, como iniciativa da bancada protestante, contrária à união homoafetivas.

Com mudanças ocorrendo, a própria Igreja católica, que começou a discutir sobre a sexualidade passou também a rever suas concepções. Sabemos que não é permitida ainda a união entre casais do mesmo sexo, que continua sendo vistos pela Igreja como uma abominação, no entanto a Igreja fez um novo parecer. Nesse documento, preparado após uma semana de discussões sobre temas relacionados à família, no sínodo que reuniu 200 bispos, em 2015, a Igreja assumiu que deveria aceitar o desafio de encontrar “um espaço fraternal” para os homossexuais, sem abdicar da doutrina católica, sobre família e o matrimônio. Segundo o papa Francisco I, os conceitos da Igreja precisam mudar, porém ainda não foi colocado como mudança a aceitação do casamento gay, mas que a Igreja começa a pensar nas novas famílias que estão surgindo.

Outro ponto sobre as mudanças sociais, quanto às questões relativas à sexualidade refere-se às escolas, que passaram a enfrentar problemas em relação à aula de educação sexual, pois muitos pais não aceitam que esse tipo de assunto seja tratado na escola, ou nem mesmo em casa.

A escola hoje assume um lugar importante de discussão e informação sobre a educação sexual. Atualmente vemos um grande índice de meninas, entre 10 e 15 anos, engravidando sem informações, ocorrem agressões a alunos que são homossexuais, Bulling, aumento do número de infectados por DST na adolescência. Esses problemas estão tomando uma proporção cada vez maior, devendo a escola atuar com mais ênfase, tendo em vista ela ser um espaço de formadores de identidades. O que antes era uma preocupação hoje se torna fato.

No final da década de 70, a escola passou a introduzir assuntos sobre a sexualidade nas aulas, como parte de um programa ligado a saúde que visava a redução do número de filhos. Assim durante os anos da ditadura, tentavam também conter as pressões e reviravoltas dos jovens, bem como o protesto das feministas. Esse período foi marcado pelos novos métodos contraceptivos, ao qual desvincularam sexo da procriação, sendo interesse da indústria farmacêutica divulgá-los.

Com a força dos movimentos sociais nos anos 80 houve a abertura política, o que contribuiu para repensar o papel da escola e desse conteúdo. Ao falar do tema educação sexual a educação buscou trazer a Orientação Sexual, para a escola buscando considerar a sexualidade como algo ligado à vida e à saúde, presente no ser humano, relacionando o direito ao prazer, ao exercício da sexualidade com responsabilidade, tal como destaca Lima Júnior (2004).

A escola passou a ter como base para abordar a educação sexual os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais E Temas Transversais), um documento elaborado em 1998 a nível nacional. O objetivo dos PCNs foi construído como um conjunto de proposições curriculares, fundamentada também na LDB 9394/96. A primeira parte do documento justifica a importância de incluir Orientação Sexual como tema transversal nos currículos.

O objetivo dos PCNs era trabalhar nas escolas as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro, à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista, como também incluir a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência. O intuito era contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda fortes no contexto sociocultural brasileiro, contudo não houve iniciativas para se trabalhar tais temas, tanto na rede pública como na rede privada de ensino.

As manifestações da sexualidade estão presentes em todas as faixas etárias, o fato de ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas também por profissionais da escola, baseadas na ideia de sexualidade como assunto para ser lidado apenas pela família. Na prática, toda família deveria realizar a educação sexual de suas crianças e jovens, porém, na atualidade, a educação sexual ainda é reprimida, tanto pelas escolas quanto pelas famílias. Mesmo nos PCNs, não encontramos clareza com relação ao que realmente deveria ser trabalhado nas escolas.

A própria escola, no entanto, reprimi os alunos ao excluir essa temática das aulas, já os pais, por sua vez não aceitam tais assuntos, afirmando serem temas indecentes. As escolas não se posicionam, tendo o dever de trabalhar com a comunidade escolar, deveriam fazer uso dos PCNs e trabalhar também com os pais, abrindo assim, um leque de conhecimento para a formação do aluno. Todavia o que ocorre é agressões aos docentes e gestores que sofrem ameaças, ao apenas comentar tais assuntos. Tais fatos acontecem, em boa parte nos bairros de

periferia, onde os professores se sentem amedrontados. O que acontece atualmente é a negação dos pais, e pouca informação nas escolas, pois falta consenso entre a comunidade escolar e pais para resolverem problemas que estão em sua volta.

Com as novas mudanças na sociedade observamos que sua influencia pesa na educação, porém um tema ainda difícil de ser tratado na escola é sexualidade, pois se encontra bloqueado por ela, de maneira que as novas gerações permanecem sem nenhum esclarecimento sobre as informações necessárias para que cresçam adultos conscientes de sua sexualidade. Nos capítulos a seguir, abordar-se um pouco mais sobre a história da sexualidade em Freud e Foucault, bem como a educação sexual e as mudanças que ocorreram sobre os temas transversais na escola.

3. AS TEORIAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO PRAZER SEXUAL NO SER HUMANO.

Varias são as teorias sobre o desenvolvimento humano, que situam a questão da sexualidade como um fator presente nos processos de transformação e crescimento do corpo humano. Falar em desenvolvimento do prazer é abrir um leque de questões que levam a uma gama de processo, inclusive a situações em que a sociedade define, o certo ou errado, já que a polêmica é grande quando se fala de prazer. O prazer pode ser relativo, mas os fatores pelos quais chegamos a ele devem ser ponderados, a ponto de serem questionados pela sociedade, bem como de que forma se torna natural algo que nos dar prazer.

No decorrer deste capítulo iremos explorar mais as teorias sobre o desenvolvimento humano e o prazer, abordando duas linhas de pensamentos contrárias, o controlador em Freud e o libertino em Foucault e apontar de que forma ambos contribuíram para o entendimento sobre o desenvolvimento do prazer humano.

3.1 UMA ANALISE SOBRE AS CONCEPÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DO PRAZER SEXUAL EM FREUD

Um dos teóricos que chamou atenção para esse tema ainda no século XIX foi Freud (1989), destacando a importância do prazer para o ser humano. Ele descreveu de que modo esse se altera em fases distintas ao longo da vida, e passam da infância à adolescência, indo até a idade adulta.

Dos estudos de Freud surgiu a psicanálise, uma teoria que resgata no discurso das pessoas as suas dimensões conflituosas, através da análise das falas, amparado por interpretações que buscam desvelar desejos, medos, raivas, angústias, que foram sentimentos contidos ou incompreendidos na infância.

A obra de Freud tornou-se relevante por apontar a sexualidade como um fator preponderante para a estabilidade do individuo. Essa sua abordagem foi produzida entre o final do século XIX até meados do século XX, época em que o puritanismo envolveu ideologicamente a mentalidade da sociedade ocidental. Ele enfrentou muita oposição, porém

contribuiu de forma marcante para melhor compreender a mente humana. Desse modo, o sexo e o prazer foram destacados como pilares da condição humana, e puderam, então, ser abordados com menos preconceitos morais.

A sexualidade passou, assim, a integrar os estudos sobre o desenvolvimento do corpo e formação humana, rompendo tabus culturalmente considerados pela tradição religiosa judaico-cristã. Nesse sentido é preciso compreender como ocorre esse processo para lidar com situações, as quais são colocadas pela sociedade como absurdas, e onde inúmeros equívocos sobre o assunto são cometidos, pois:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido”. (Freud,1989,p.105)

A pulsão é algo natural, presente no desejo prazeroso, posto no corpo ou no sexo oposto. Freud (1989) diz que o descobrir dos desejos começa na infância. Ele fala da latência sexual, explica que os recém nascidos já trazem consigo germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem uma supressão progressiva, a qual pode ser rompida por avanços regulares do desenvolvimento sexual ou suspensa pelas peculiaridades individuais.

Ao falar da pulsão sexual, Freud (1989) destaca que a sociedade cria uma alienação sobre o amor, em relação ao casal, homem-mulher. Quando ocorre o diferente desse pretenso padrão, como é o homossexualismo, há segundo Freud, um objeto sexual contrario, que ele chama de inversão. Freud (1989), diz que pode haver três tipos, *Os invertidos* absolutos, que seu objeto sexual é do mesmo sexo, não sendo o oposto, apresentam nessa situação pessoas que podem não ter um ato "sexual normal", ou não obter gozo. Outro tipo refere-se aos invertidos *anfígenos* (hermafroditas sexuais), ou seja, seu objeto sexual, tanto pode pertencer ao mesmo sexo, quanto ao outro. O terceiro tipo relaciona-se aos invertidos *ocasionais*, onde em certas condições externas, como a inacessibilidade do objeto sexual normal e a imitação, faz com que algumas pessoas passem a tomar como objeto sexual uma pessoa do mesmo sexo e encontrar satisfação no ato sexual com ela. Essas ultimas pulsões sexuais fazem parte de um comportamento de juízo diferenciado ou considerado "normais".

Deste modo o princípio do prazer emerge como um elemento significativo a ser considerado na compreensão do ser humano, já que em Freud, esse fator condiciona e interfere no modo de ser das pessoas.

Nesse sentido a sexualidade passou a ser incorporada aos estudos do desenvolvimento humano e o próprio Freud, sistematizou etapas, as fases de vida, onde o ser humano manifesta distintas formas de prazer. Assim comenta Freud. "A sexualidade é uma condição natural que ocorre ao longo da vida do ser humano, em que as primeiras manifestações sexuais ocorrem na infância (1989, p. 134)."

A primeira etapa ocorre de recém nascido a um ano de vida, é conhecida por fase oral, por sentirmos prazer em nos alimentarmos. O chuchar, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), ou seja a satisfação ocorre pela boca. A criança ao mamar no seio ou na mamadeira, manifesta normalmente relaxamento e satisfação, nesse momento há contato físico entre o corpo do bebê e o colo da mãe ou do adulto que a alimenta, fazendo com que a pele seja estimulada.

Uma pesquisa feita pelo pediatra húngaro Lindner (1879), viu que sugar ou amamentar traz uma saciação que se alia a uma absorção completa da atenção, onde a criança acaba se satisfazendo e adormecendo, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo. Ele explica que pode não ser raro, mas nesse momento se combina com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou a genitália externa. Ocorre também um contato visual, onde a criança olha para o rosto de quem o alimenta e vai percebendo pelas expressões faciais o afeto, ou não.

O estágio seguinte é o anal que ocorre de 12 meses aos 3 anos. Nessa fase a criança aprende a controlar as fezes e sua satisfação vem da região do anus. O estágio fálico, que acontece dos 3 aos 6 anos, ocorre quando a atenção da criança volta-se para a região genital, tendo interesse em examinar e manipular o seu próprio órgão sexual. O estágio seguinte é o de latência, dos 6 aos 11 anos, em que há um deslocamento do libido para atividades socialmente aceitas, como a escola e os amigos. Em seguida vem a fase do estágio genital que ocorre a partir dos 11 anos. Essa é a fase que começa na puberdade, onde se têm início os impulsos sexuais. Nela a atenção vai desviar-se da masturbação para as relações heterossexuais ou homossexuais, em que há perda da identidade infantil, quando pouco a pouco o indivíduo passa a assumir uma identidade adulta. É normal nessa fase que os pré-adolescentes comecem a se sentir diferentes, a querer estar mais tempo com o grupo de sua idade, como amigos, e menos com a família. Essa é também uma fase de descobertas, onde começam a surgir

perguntas sobre si mesmo, bem como ocorrem mudanças em seu corpo. Também ocorrem as mudanças de temperamento, sendo comum se apresentar condutas rebeldes. Esse é um momento da vida humana, onde começamos a nos ver e refletir sobre nós mesmos, buscando nos entender, estabelecendo traços de nossa personalidade.

Freud (1989) destaca que, para o indivíduo a mudança que ocorre na fase da adolescência é algo perturbador. No desenvolver do homem, cada fase descrita por ele é uma nova descoberta de prazer.

Freud (1989) defende que o prazer acontece de todas as formas, porém ele acredita que possa ser de uma maneira controlada, tendo em vista as regras sociais, que condicionam o esse comportamento, como forma de ajustar o indivíduo ao grupo social em que se insere. Iremos agora abordar Foucault (1998) que descreve sobre os prazeres humanos, porém, situa o controle social como um modo de aniquilamento do indivíduo.

3.2 AS CONCEPÇÕES SOBRE O PRAZER EM FOUCAULT

Para entendermos, mais, sobre "o prazer", em Foucault, conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, como à *psiquiatria, medicina, e às prisões*, e por suas idéias sobre a *evolução da história da sexualidade*, precisamos incorporar sua defesa da subjetividade humana. Essa subjetividade segundo Foucault seria um componente natural, mas também determinado, por fatores políticos ou sociais.

Em Foucault (1995) o sujeito e a produção da subjetividade são elementos incompletos, pois estão sempre em processo de produção e transformação. A configuração social e os discursos produzem subjetividades e visam a construção de verdades para definir papéis a serem assumidos pelos sujeitos, apontando sobre como se deve ser ou agir. Cria-se assim práticas exclusivistas e separatistas de subjetivação. Nessa construção do sujeito se estabelece o poder, tal como Foucault (1995) afirma, explicando que os seres humanos tornam-se sujeitos sob a forma de relações perpassadas pelos discursos, onde se manifesta o poder. As relações de poder se enraízam no contexto social, observa Foucault (1995) que o poder está em toda parte, não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. Assim o sujeito é englobado em padrões que ditam como ser integrante da sociedade. O prazer se constitui um dos elementos a ser controlado pelo grupo de poder e assim se vai construindo padrões normalistas que devem ser seguidos.

Foucault (1998) explica que a questão do prazer, na maioria das vezes, está ligada a padrões, que podem ser ou não quebrados. Ao colocar em ênfase uma das fases mais complexas da vida, a adolescência, Foucault (1998) refere-se a esse momento da vida como um momento a ser controlado. Segundo ele, o jovem é levado pela cultura a ter domínio sobre a vontade de sentir prazer. Essa postura é centrada em um controle, que perpetua condutas morais, em que o amor e o sexo se associam a algo sagrado, que deve acontecer segundo os padrões religiosos ocidentais.

O ser humano vai sendo adaptado a seguir a um modelo moral e ético, que a sociedade ocidental impôs, para que haja controle sobre o prazer sexual. A partir dessas regras ocorre o poder sobre as individualidades, pois o prazer, é algo que está presente na sexualidade definindo traços da personalidade. Segundo Foucault (1998) a sexualidade inclui divergências sobre o prazer, porém ela torna-se um dispositivo relacionado à moral, definindo o que tem mais valor, se obter o prazer de todas as maneiras, ou negar o prazer por questões de ética.

A sociedade é comandada por regras, pois mesmo que as gerações mudem a maioria dos costumes permanece. O que chamamos de domínio moral muitas vezes escapa de nós, pois o que aprendemos no que se refere à sexualidade é que essa deve estar sempre sob controle, definindo o que é permitido dentro de um padrão que já é situado moralmente pela sociedade, tal padrão se ampara nas práticas religiosas, principalmente.

A busca pelo prazer muitas vezes traça um caminho de poder e querer, onde a relação de poder transparece. Segundo Foucault (1997), nas relações de poder a sexualidade não é o elemento mais rígido, porém é estratégico, tendo em vista não ser algo uniforme na sociedade.

Na verdade esse dispositivo, com base em Foucault, seria um conjunto de técnicas criado para manter uma aliança com objetivos distintos, ante, por exemplo, a união e o laço familiar. Hoje tal controle ocorre na sociedade por novos meios com fins econômicos, cujas regras são definidas, situando o permitido e o proibido.

O significado de "poder", em Foucault (1997), está situado, em todos os lugares, sendo relativo ao que surgiu a partir de relações desiguais e móveis, também em relação ao sexo. O poder está veiculado segundo Foucault, a um discurso histórico sobre culturas, o corpo da criança e o sexo da mulher, por exemplo. Foucault (1999) descreve que em relação ao sexo, o poder estabelece relações negativas, seja a rejeição, a exclusão, ou ocultação. O poder seria aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo reduzindo-se ao lícito e ilícito.

O poder segundo Foucault (1997) pode ser algo relativo, pois depende de um conjunto de meios para mantê-lo. Foucault acredita que precisamos saber que as verdades são constituídas para definir o certo ou errado, como uma maneira que a sociedade encontrou para fazer uso do poder. Porém dentro das questões sociais do ocidente, as verdades sobre a sexualidade foram também definidas a partir das colocações da religião cristã, em que se diz serem proibidos, todos os atos que vão contra Deus. O proibido como algo prazeroso, é algo que as religiões tentam conter, porém o desejo acontece devido às pulsões que se elevam, gerando uma satisfação maior em conhecer algo mais prazeroso. Se a sociedade focasse o proibido como algo mais prazeroso e permitido, talvez as pessoas não o cometessem porque deixou de ser proibido. Esse ocultamento é um jogo que se impõe, mas que existe para ser quebrado.

Temos por exemplo, na tradição moral cristã uma imagem valorativa referente ao homem, que conseguia se desviar do prazer. Segundo Foucault (1998) essa postura estava veiculada a relação moral de controle e punição do prazer sexual presente na postura do celibato. Esse controle surgiu, com a intenção da Igreja de manter o poder sobre as formas de ser do indivíduo.

Nessa ação controladora em relação ao sexo, houve na sociedade ocidental dois dispositivos referentes ao sexo. Foucault (1997), os descreve como dispositivos, tendo em vista o mesmo interesse, o "poder de submeter" o prazer. O primeiro dispositivo é chamado de aliança. Seu intuito era definir o permitido e o proibido a partir de um acordo escrito entre o casal, em que manter a lei é um dos seus objetivos. A união ou status do casal deveria estar definido dentro dos padrões da sociedade, tanto no cartório quanto na Igreja, funcionando como uma maneira de dar satisfação à sociedade, provando que os indivíduos eram comprometidos com as regras sociais e familiares.

O segundo dispositivo é o da sexualidade, que vem para inovar e controlar. Seu foco não é mais a relação entre casais, mais a qualidade, centrando nas sensações e prazeres que devem ocorrer de "forma natural". Passou-se a controlar as relações sexuais que os casais deveriam e poderiam ter. O dispositivo de sexualidade surgiu como uma reforma do dispositivo de aliança, aparentemente foi uma alteração do primeiro dispositivo, pois o que interessava era manter controle sobre a sexualidade dos casais. Foucault (1997) ressalta que a sociedade ocidental tornou-se alienada do prazer sexual, já que apenas no casamento se permite ter prazer.

A sociedade pouco se modificou, mesmo com o passar do tempo em relação à sexualidade. Para entender um pouco sobre essa questão, Foucault (1997) destaca que foi possível distinguir, a partir do século XVIII, quatro estratégias que se desenvolverem como dispositivos de saber e poder a respeito do sexo, porém não evoluíram nesse momento, apenas assumiram uma coerência e atingiram eficácia sobre o poder e ordem do saber século depois.

No decorrer do século XIX, houve uma grande preocupação com o sexo, no que diz respeito à mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso.

A Histerialização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação, a psiquiatrização do prazer perverso, foram dispositivos que se concretizaram nesse período. O que Foucault (1997) explica é que tais práticas, conduzidas como políticas sociais, precisavam saber sobre esses dispositivos para reforçar o controle e esconder o que seria um descontrole aos prazeres.

A histerização do corpo da mulher é um processo, pelo qual o organismo feminino é analisado, qualificado e desqualificado. A histerização permitia a expansão do discurso médico sobre o sexo, até chegar ao estudo da intimidade pessoal. Promoveu-se então a retirada do útero e trompas como justificativa de tratamento dos comportamentos histéricos.

A pedagogização do sexo da criança foi um dispositivo voltado para produção de um discurso, partindo da idéia de que a criança era portadora de uma sexualidade também perigosa, que se manifestou na guerra contra o onanismo. Nesse sentido surgiram disciplinas escolares que combatiam a masturbação, como ocorreu na França no século XVIII.

A socialização das condutas de procriação aparece nas propagandas que orientam os casais, por intermédio de informações sobre o controle de fecundidade. Assim os casais passaram a assistir discursos montados para entender como agir, no sentido de reduzir o número de nascimentos na família.

A psiquiatrização do prazer perverso teve como objetivo prender e "tratar" as pessoas que exerciam práticas sexuais consideradas como prazer perverso. Nesse quadro temos por exemplos as parafilias, sadismo, masoquismo entre outras que venham a ser consideradas um distúrbio sexual. Assim essas pessoas eram internadas em hospícios.

O prazer aparece no nosso inconsciente e ele nunca vai deixar de existir. Foucault(1999), situa o prazer como algo derivante do poder, pois aquilo que é reprimido nos

desperta mais curiosidade ao conhecer. O prazer acontece de várias formas, sejam as ditas normais ou anormais, como sentir prazer em relacionamentos com o sexo oposto, ou o considerado pecado pelas religiões. Ao avaliarmos o prazer como Foucault defende, o temos girando em torno do poder, pois é imposto pela sociedade que dita leis que o definem como certo ou errado.

Durante o texto vimos que para entender o comportamento sexual é preciso muita reflexão, pois, há questões morais que constituem uma estética da existência, situada a partir do sexo reprimido, atrelada a um jogo de poder. A sociedade constituiu uma ética sexual pela qual o sistema criou desigualdades, onde o prazer passa a ser contido.

Foi percebido que a maneira de expressar e sentir os prazeres, como Freud (1989) diz nasce conosco, pois sentimos o prazer de todas as formas, mas na sociedade se definem os bons costumes, a exemplo das religiões e das políticas sociais. Tais atitudes visam manter controle sobre as pessoas, estipulando modos de agir para manter a moral, mas como foi visto em Foucault (1999), o prazer não pode ser contido. Mesmo com a sociedade evoluindo, a sexualidade está cada dia mais presente, porém uma visão arcaica sobre a sexualidade e o sexo em especial, insistem em manter esses padrões morais, visando tratar a sexualidade como um problema a ser contido.

4. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

O capítulo a seguir tem como objetivo apresentar o percurso da história da educação sexual, bem como as diversas concepções que transformaram-se em assuntos sempre questionados pela sociedade. Outro ponto em foco são os PCNs, e a percepção que a escola tem sobre educação sexual, bem como os papéis sexuais, uma vez que a sociedade barra de forma preconceituosa o assunto em questão, tentando atribuir identidades aos sujeitos para que se enquadrem nos padrões sociais.

A sexualidade é um tema historicamente antigo, que as civilizações sempre a colocaram em pauta. Segundo Foucault (1997), a partir do século XVIII, as instituições governamentais do ocidente foram liberadas para falar sobre tais assuntos. Essas assim se multiplicaram, também sendo as escolas incluídas. Esse foi um dispositivo de poder, cuja intenção era manter o controle através de instruções sobre o corpo e o sexo.

Em seu percurso histórico há alguns estudos apontando que a educação sexual surgiu nas escolas da França, a partir da metade do século XVIII, ocorrendo pela preocupação com as manifestações sexuais infantis. A intenção era combater a masturbação conforme destaca Muller (2009). A prática era vista como algo errada ou suja. Chamavam a masturbação de doença, cujo os prazeres eram prejudiciais para as pessoas fracas. Com isso surgiu dispositivos para conter a ereção, como anéis pontiagudos para colocar em torno do pênis. Para as mulheres não era diferente, pois de maneira mais agressiva era sugerido eliminar o clitóris por meio de cirurgias. O que fez essa sociedade mudar em relação à masturbação foram o estudo de Sigmund Freud (1905), que através de pesquisa mostrou que a masturbação é uma prática natural e saudável.

No final do século XIX, segundo Porte (1998) aparecem outras abordagens sobre temas ligados à sexualidade nas escolas, pois havia uma nova preocupação; dessa vez em relação às doenças sexuais e aumento de abortos, devidos o número de meninas que engravidavam muito novas. Nesse período a questão discutida era que a família era incapaz de cuidar da educação de seus filhos, precisando da intervenção do higienista. A saúde pública é elevada ao patamar de instância saneadora da sociedade. Assim, os médicos e os pedagogos eugenistas passaram a fazer incursões sobre as famílias e as escolas. Os médicos junto com os pedagogos elaboravam discursos normalistas sobre sexo, que deveriam ser apresentados à família pela escola, bem como para crianças e jovens.

A educação sexual perde importância, a nível mundial sendo até excluída do currículo de muitos países, por volta de 1920, quando se edita uma lei francesa que proíbe o aborto e a propaganda anticoncepcional, pois ocorreu nesse período a diminuição da taxa de natalidade. Porém só em 1973, a proposta de introdução da educação sexual

nas escolas volta, vindo a se oficializar o tema nos currículos das escolas.

No Brasil a educação sexual, aparece no início do século XX, tal como aponta Lima Junior (2004) por influência dos médicos- higienistas que se preocupavam em combater a masturbação, as doenças venéreas, além da intenção em preparar a mulher para o papel de esposa e de mãe. Essa educação sexual teve por finalidade transmitir aos jovens conteúdos sobre a reprodução humana, algo que ainda hoje perdura nas escolas.

Essa proposta foi retirada dos currículos escolares entre os anos 30 a 60. A educação sexual, como temática da sexualidade, passou a ser novamente introduzida no currículo das escolas brasileiras de ensino fundamental e médio apenas na década de 70, pelo motivo das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, bem como política de controle dos anos da ditadura.

Segundo Lima Júnior (2004) em 1971, a Lei 5.692/71 determinou para em todas as escolas a obrigatoriedade da Orientação Educacional. Essa deveria ser desenvolvida pelo orientador educacional com formação superior, conforme o parecer de nº 2.264/74 do Conselho Federal de Educação. Nele se menciona a educação sexual a ser desenvolvido nos programas de Educação da Saúde, a nível de 2º grau. A educação sexual estava, nesse período sendo posta como problema relacionado a saúde.

Nos anos 80, houve uma demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas devido a preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo HIV (vírus da Aids¹). Com o aparecimento do vírus da AIDS e a divulgação pela mídia, ocorreu o aumento do preconceito associado á homossexualidade, pela vinculação do vírus aos gays.

A educação sexual passou a ser abordada nas escolas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), um documento elaborado em 1998 a nível nacional, fundamentado na LDB 9394/96. O proposto pelos PCNs era discutir a sexualidade como questão social abordada nos temas transversais. São eles Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Temas Locais, A transversalidade, e

interdisciplinaridade constituem a proposta metodológica. Buscava-se informar de forma interdisciplinar e transversal. Os assuntos relacionados à orientação sexual, sendo tal conteúdo trabalhado junto com outros materiais ou disciplinas. Nesse sentido temos com relação aos temas transversais, serem importantes, para que a escola contribua para a formação de indivíduos conscientes, pois:

A educação para a cidadania requer, portanto, que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos. A inclusão de questões sociais no currículo escolar não é uma preocupação inédita. Esse trabalho requer uma reflexão ética como eixo norteador, por envolver posicionamentos e concepções a respeito de suas causas e efeitos, de sua dimensão histórica e política. (PCNs, 1997,p.25).

4.1 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA A PARTIR DOS PCNS

Na história da educação sexual temos, nos séculos passados, questões voltadas para a saúde da sociedade, atualmente associou-se a esse tema a necessidade de contribuir na formação do indivíduo. Não há uma lei que obrigue as escolas a introduzirem esses assuntos, porém os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que o assunto seja trabalhado em todas as disciplinas, sempre abrindo a oportunidade para discutir Orientação Sexual, envolvendo questões de comportamentos, sentimentos ou sensações.

A Educação Sexual é muito mais do que tratar de questão reprodutiva, pois discutir educação sexual é um dever tanto da família quanto das instituições de ensino, que podem orientar qual é a maneira mais segura e responsável, de obter o prazer sexual, bem como o direito ao livre exercício da sexualidade. A educação sexual deve primar pela liberdade de conhecer mais o corpo, sendo meio de desenvolvimento dos indivíduos.

Os PCNs se constituem como um referencial de conteúdo, definidos no final dos anos 90, para servirem de apoio nos conteúdos abordados da educação infantil, no ensino fundamental e médio. Esse material se constitui de 10 volumes que fazem parte da biblioteca de todas as escolas públicas. Os volumes 8, 9 e 10 tratam dos temas transversais, que são assuntos a serem abordados em sala de aula por qualquer professor, sem especificidade. Entre esses temas encontra-se no volume 10, a orientação sexual.

Os temas transversais, sobre orientação sexual, trariam um bom resultado para a comunidade escolar se fossem trabalhados, pois alertam para alguns problemas que estão se

tornando freqüente na sociedade, como o exemplo da gravidez precoce. A proposta dos PCNs na educação sexual é a de orientação sexual, uma vez que é uma condição indispensável para a vida e a saúde, todavia o tabu que envolve o tema na escola faz com que poucos professores tratem desta questão na sala de aula.

Nesse material se aborda as formas pelas quais a sexualidade se materializa, incorporando-a na educação sexual. Os PCNs descrevem, que de início as famílias não aceitam, no entanto na atualidade as famílias estão mais diversificadas e procuram reconhecer a importância desse conhecimento para crianças e jovens, uma vez que não passam muito tempo juntos a elas no âmbito familiar. Nesse sentido, temos no PCN "A escola deve contribuir nesse processo, pois se preocupa com a formação de sujeitos para o exercício da cidadania (BRASIL, 1997 apud Lima Júnior, 2004)."

Segundo os PCNs, o objetivo de trabalhar a orientação sexual na escola deve ocorrer como um processo de intervenção pedagógica, ao se transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associada. Ao se referir aos temas transversais no PCNs encontramos o seguinte,

A proposta de transversalidade traz a necessidade da escola refletir e atuar conscientemente na educação de valores e atitudes em todas as áreas, garantindo que a perspectiva político-social se expresse no direcionamento do trabalho pedagógico; influencia a definição de objetivos educacionais e orienta eticamente as questões epistemológicas mais gerais das áreas, seus conteúdos e, mesmo, as orientações didáticas."(PCNs,1997,p.30)

Os temas dos PCNs sempre são citados para o educador, para que ele possa fazer uso desses objetivos redirecionando a sua prática. Outro material que aborda a sexualidade refere-se a conteúdos de ciências naturais. Nele se abordam conhecimentos relacionados à vida e ambiente, ser humano e saúde, tecnologia e sociedade, terra e universo. O eixo temático ser humano e saúde trata sobre o corpo, a sexualidade e o gênero.

Trabalhar na escola com tais temas, muitas vezes se torna uma tarefa difícil, pois existem barreiras encontradas nas instituições. Assim os professores, na maioria mulheres, não tratam desse tema, os alunos acabam por encontrar respostas sobre a sexualidade e sexo em suas vivências em grupos, nos quais um ou outro já teve ou passou por alguma experiência. A escola, enquanto espaço social deve manter uma interação efetiva e desempenhar um papel importante na educação para a sexualidade, já que esse tema aborda o

bem-estar, a saúde, o preconceito, os direitos a cidadania, integrando as diversas dimensões do ser humano.

Após se observar, os PCNs, relativo à educação sexual percebe-se que tal material visa a complementar a educação, pois, com todos os seus limites, ainda pode ser um meio de esclarecimento dos problemas que atualmente cercam os adolescentes.

Os alunos não têm informação sobre educação sexual de forma adequada, bem como não conhecem seu próprio corpo, ou mesmo como evitar doenças sexualmente transmissíveis e muito menos como agir com responsabilidade. Outro ponto em destaque é à mídia que através de novelas e músicas apelativas tem se tornando o meio de informação mais acessível para os alunos.

Essa é uma questão que deveria fazer parte no dia a dia na escola. Por sua vez os professores se sentem reprimidos, pois, geralmente a comunidade onde a escola está inserida apresenta alto índice de violência, gerando o medo. Muitas vezes isso se torna um empecilho. Trabalhar educação sexual, contudo é uma maneira de transformar problemas em soluções, sendo instrumento para mudar a historia da comunidade.

Na escola é importante trabalhar questões que estão fazendo parte da formação dos alunos, a família como eixo central deve ser participativa. A educação não se faz sozinha é necessário um elo entre a escola e as famílias para trabalhar com a realidade em que os alunos estão inseridos. Tanto para a escola, quanto para a família, não é fácil discutir tais tabus, sabemos que é complicando uma vez, que a sociedade constrói inúmeras barreiras que levam tempo para serem desconstruídas, porém é importante visualizarmos questões que estão se tornando problemas como a iniciação sexual precoce de meninas e meninos, afetando o cotidiano.

Ainda há uma caminhada longa até conseguimos incorporar a educação sexual como um eixo fundamental a ser trabalhando nas escolas, pois enquanto houver influências de mentes distorcidas não conseguiremos pensar nas mudanças, que farão diferença para a formação dos futuros integrantes da sociedade.

CONCLUSÃO

Diante de toda essa pesquisa sobre a sexualidade tive como intenção apresentar discussões que fazem parte de nossa sociedade como tabu, pois este é um tema polêmico que afeta a vida das pessoas e das famílias.

Esse estudo foi uma tentativa de ajudar na compreensão e aceitação do outro, aquele considerado diferente, por sua opção sexual, pois o preconceito ainda permanece crescente contra os homossexuais. Para tanto, trouxe um pouco da história da sexualidade nos períodos de antiguidade clássica, da idade média e moderna como recurso para refletir sobre como aspectos religiosos, políticos e de cultura ocidental envolvem o tema, dando a ele elementos de controle social sobre o indivíduo, que em alguns casos permanecem até hoje, como aponta Foucault.

Esses aspectos que permeiam a sexualidade se apresentam na escola, tornando esse um assunto visto com preconceito pelos professores, pois apesar de compor o currículo como tema transversal presente no PCNs, a educação sexual permanece excluída dos temas das aulas do ensino fundamental. Apesar de na escola muitos problemas relativos à educação sexual surgirem como a gravidez precoce e a homofobia, os professores simplesmente se negam a tratar desse assunto, sendo necessário que ocorra uma mudança.

Não há como esconder, a questão da sexualidade, pois sempre será colocada em pauta. Assim é importante trabalhar a educação sexual nas escolas, partindo de problemas sociais da realidade dos alunos. Sendo preciso entender que através da vivência se extrai muitas respostas com as quais os alunos terão uma aprendizagem mais significativa, do que apenas estudar os órgãos sexuais como assunto de ciências do 6º ano. A educação sexual tem como objetivo esclarecer e ensinar questões relativas ao sexo, como tabus e preconceitos, identidade de gênero, métodos anticoncepcionais, pedofilia, usando várias formas de informação para esclarecer os alunos e promovê-los a futuros cidadãos conscientes das questões relativas à sexualidade.

Como essa questão pode gerar desconforto entre as famílias que compõem a comunidade escolar, a escola poderia trazer os pais para compreender os conteúdos e seus objetivos, através de reuniões pedagógicas com os professores, em que haveria espaço onde os pais fizessem suas críticas e opiniões. Nesse debate é necessário explicar que a família é

essencial para lidar com esse assunto, em casa também, mesmo sendo constrangedor para os pais. É preciso criar espaços para que as famílias possam entender a importância da escola e da família juntas trabalharem a educação sexual, tratando de questões como doenças, cuidados, prevenção bem como o respeito ao próximo e às diferenças de gênero.

Só assim romperemos o muro que se levantou em torno da sexualidade, levando a escola a ser um espaço que contribuiu com a tolerância e o respeito às singularidades individuais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e sexualidade** /Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALMEIDA, A. M. **O gosto do pecado** – casamento e sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas** / Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FLANDRIN, J. L. A vida sexual dos casados na sociedade antiga: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais** – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 135-152.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- _____. História da sexualidade 2: **o uso dos prazeres** /Rio de Janeiro : Edições Graal, 1984.
- _____. História da sexualidade. 3: **o cuidado de si**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. **A mulher /os rapazes: História da sexualidade** (extraído da História da sexualidade v.3) / Michel Foucault; tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque - Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1997.
- _____. **Ditos & escritos. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Vol. I. Ed. Forense Universitária - RJ, 1999.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 1a Ed. Martins Fontes - SP, 2004.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- KING, Helen. Preparando o terreno: sexologia grega e romana. In: PORTE, Roy. **Conhecimento sexual, ciência sexual: A história das atitudes em relação à sexualidade**/ Mikulás Teich - São Paulo: fundação editora da UNESP, 1998. (UNESP/ Cambridge).
- LAPATE, Vagner. **Educando para a vida sexualidade e saúde**. São Paulo: Ed. Sttima, s.d.
- LIMA JÚNIOR, Luiz Pereira de. **Olhares inusitados: sexualidade, meio ambiente e educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.
- LIMA JÚNIOR, Luiz Pereira de. **Sexualidade: um mapa em rascunho**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- LIMA JÚNIOR, Luiz Pereira de. A sexualidade na moldura transversal. **Temas em Educação**. João Pessoa, v.13, n.2, p. 32-49, 2004.
- LIMA JÚNIOR, Luiz Pereira de. **A arte de gostar do mesmo sexo**. São Paulo, 2007.

MEIRA, Luís B. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. João Pessoa: Autor Associado, 2002.

MULLER, Laura. **Altos papos sobre sexo dos 12 aos 80 anos**. São Paulo: Globo, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2000a.

PCN, **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em 10 Out. 2015.

PEREIRA, Wanderley da Rosa. **Matriz Antropológica Dualista como Base Teológica na Implantação do Protestantismo no Brasil**, Abril. 2014. Disponível em:<<http://desconstruindoateologia.blogspot.com.br/2014/04/matriz-antropologica-dualista-como-base.html>>. Acesso em: 08 Nov. 2015.

RANKE-HEINEMANN, Ulta, **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1996.

REICH, Wilhelm. **O combate sexual da Juventude**. Lisboa. Ed. Porto, 1975.

SAYÃO, Yara. **Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. IN: Arquino, J.G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**.. São Paulo: Summus, 1997.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. Jul / dez. 1995.

TEIXEIRA, V.L. **O Trabalho Feminino numa Agricultura Familiar em Crise**. Monografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira. L.(Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*: Guacira Lopes Louro. 3. ed-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.